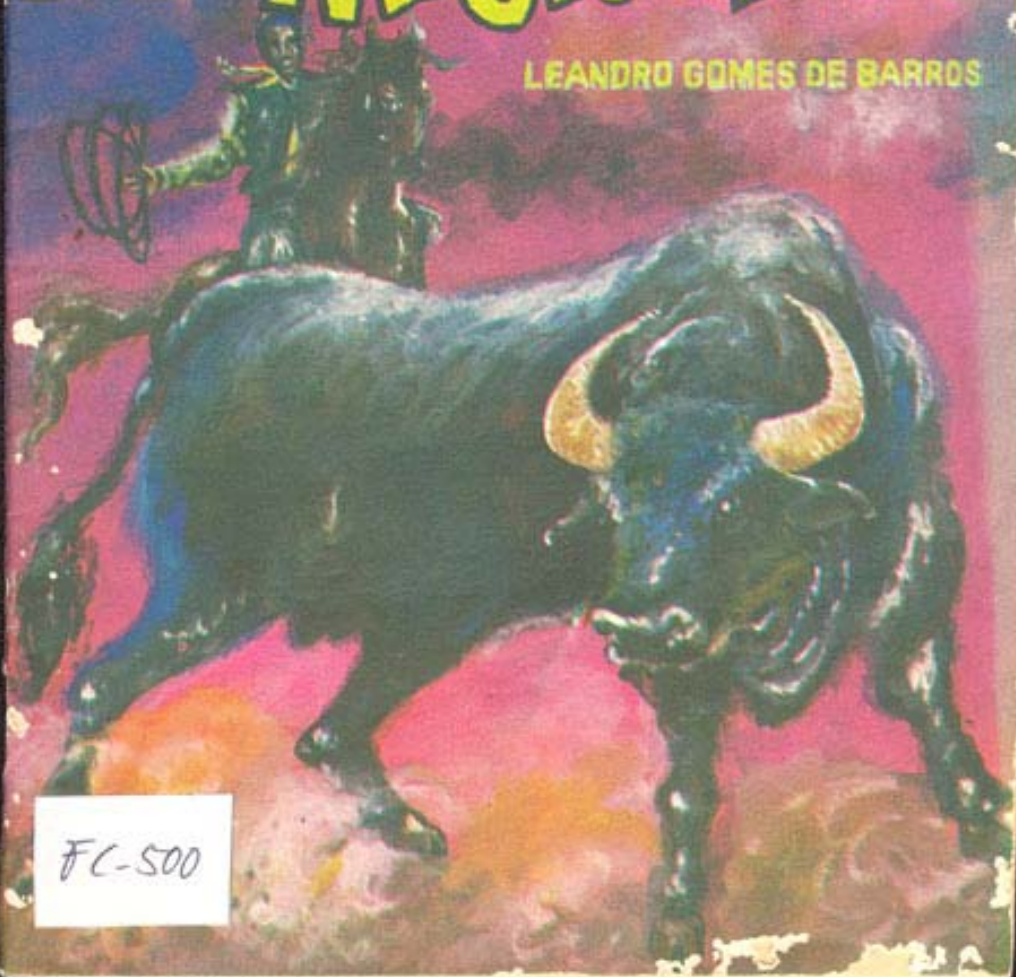


HISTÓRIA DO

Boi Misterioso

LEANDRO GOMES DE BARROS



FC-500

LEANDRO GOMES DE BARROS

L DCAAS

*Edição J.
Vol. I - 458*

★

HISTÓRIA DO BOI MISTERIOSO

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei na
Biblioteca Nacional

*VSPESQ - p. 7 - 2.ª ed.
VEOFBN - p. 17 - 4.ª ed.
DENPVQ - p. 21 - 5.ª ed.*

★

Apóstico: LEANDRO



LUZEIRO EDITORA LIMITADA
RUA JOÃO BOEMER, 528 - FONE: 93-8559
C G C 43.826.643/0001 - 03018-SÃO PAULO

LEANDRO GOMES DE BARROS

HISTÓRIA DO BOI MISTERIOSO



Leitor vou narrar um fato
De um boi da antiguidade
Como não se viu mais outro
Até a atualidade
Aparecendo hoje um dêsses
Será grande novidade.

Duraram vinte e quatro ano
Nunca ninguém o pegou
Vaqueiro que tinha fama
Foi atrás dêle chocou
Cavalo bom e bonito
Foi lá porém estancou.

Diz a história: êle indo
Em desmedida carreira
Acaso enroscava um chifre
Num galho de catingueira
Conforme fôsse a vergôntea
Arrancava-se a touceira.

Êle nunca achou riacho
Que de um pulo não saltasse
E nunca formou carreira
Que com três légua cansasse
Como nunca achou vaqueiro
Que em sua cauda pegasse.

Muitos cavalos de estima
Atrás dêle se acabaram
Vaqueiros que em outros campos
Até medalhas ganharam
Muitos venderam os cavalos
E nunca mais campearam.

É preciso descrever
Como foi seu nascimento
Que é para o leitor poder
Ter melhor conhecimento
Conto o que contou-me um velho
Coisa alguma eu acrescento.

Já completaram trinta anos
Eu estava na flor da idade
Uma noite conversando
Com um velho da antiguidade
Em conversa êle contou-me
O que viu na mocidade.

Foi em mil e oitocentos
E vinte e cinco êste caso
Uma época em que o povo
Só conhecia o atraso
Quando a ciência existia
Porém oculta num vaso.

No sertão de Quixelou
Na fazenda Santa Rosa
No ano de vinte e cinco
Houve uma sêca horrorosa
Ali havia uma vaca
Chamada "Misteriosa".

Isso de Misteriosa
Ficou o povo a chamar
Porque um vaqueiro disse
Indo uma noite emboscar
Uma onça na carniça
Viu isso que vou narrar.

Era meia-noite em ponto
O campo estava esquisito
Havia até diferença
Nos astros do infinito
Nem do nambu nessa hora
Se ouvia o saudoso apito.

Dizia o vaqueiro: eu estava
Em cima dum arvoredor
Quando chegou esta vaca
Que me causou até medo
Depois chegaram dois vultos
E ali houve um segredo.

O vaqueiro viu que os vultos
Foram de duas mulheres
Uma delas disse à vaca
Parte por onde quiseres
Eu protegerei a ti
E aos filhos que tiveres.

Ali o vaqueiro viu
Um touro preto chegar
Então disseram os vultos
São horas de regressar
Disse o touro montem em mim
Que o galo já vai cantar.

Aí clareou a noite
O vaqueiro pôde ver
Eram duas moças lindas
Que mais não podia haver
O touro era de uma espécie
Que êle não soube dizer.

Ele então ouviu montar
Viu quando o touro saiu
A vaca se ajoelhou
E atrás dêle séguiu
Depois veio a onça e êle
Atirou-lhe ela caiu.

Por isso teve essa vaca
Daí em diante êsse nome
Uns chamavam-na feiticeira
Outro a vaca lobisomem
Diziam que ela era a alma
De um boi que morreu à fome.
O coronel Sezinando
Fazendeiro dono dela
Se informando da história
Não quis que pegassem ela
Disse que o morador dêle
Não tirasse leite nela.

No ano de vinte e quatro
Pouca chuva apareceu
Em todo sertão do Norte
A lavoura se perdeu
Até o próprio capim,
Faltou chuva não cresceu.
Então entrou vinte e cinco
O mesmo verão trincado
Morreu muita gente à fome
Quase não escapa o gado
Escapou alguma rês
Lá num ou noutro cercado.

A vaca misteriosa
Não houve mais quem a visse
O dono não importava
Que ela também sumisse
Podia até pegar fogo,
Que na fumaça subisse.

A vinte e quatro de agosto
Data esta reciosa
Que é quando o diabo pode
Soltar-se e dar uma prosa
Pois foi nesse dia o parto,
Da vaca misteriosa.

Dela nasceu um bezerro
Um pouco grande e nutrido
Prêto da côr de carvão
O pêlo muito luzido
Representando já ter,
Um mês ou dois de nascido.
Um vaqueiro da fazenda
Assistiu êle nascer
Foi a noite a casa grande
Ao coronel lhe dizer
O coronel disse então:
— Se nasceu deixe crescer.

Em março de vinte e seis
Estava o inverno pegado
O coronel Sezinando
Mandou juntar todo gado
Que êle queria saber,
Que reses tinham escapado.
Então o misterioso
Pôde vir no meio do gado
Trazia o dito bezerro
Grande e muito bem criado
O que era de vaqueiro
Vinha tudo admirado.

Um índio velho vaqueiro,
Da fazenda do Destêrro,
Disse ao coronel me falte
A terra no meu entêrro
Quando aquela vaca velha
For mãe daquele bezerro.
Ali mesmo o coronel
Tomando nota do gado
Tirou as vacas paridas
Das que tinham escapado
Soltou a misteriosa
Devido ficar cismado.

Com um ano e meio êle tinha
Mais de seis palmos de altura
Uns chifres grandes e finos
Com um palmo de grossura
O casco dêle fazia,
Barroca na terra dura.

Sumiu-se o dito bezerro
E a vaca misteriosa,
Depois de cinco ou seis anos
Na fazenda venturosa
Viram-no com a marca,
Da fazenda Santa Rosa.

O vaqueiro conheceu
O boi ser do seu patrão,
Viu que havia de pegá-lo
Por ser sua obrigação
E juntou ambas as rédeas
Esporou o alazão.

Partiu em cima do boi
Andou perto de pegá-lo
Com dezoito ou vinte passos
Talvez pudesse alcançá-lo
Era sem limite o gósto
Que tinha de derrubá-lo.

Mas o boi se fêz no casco
E no campo se estendeu,
Gritou-lhe o vaqueiro boi
Tu não sabes quem sou eu!
O boi que boto o cavalo,
É carne que apodreceu.

Com menos de meia légua
Estava o vaqueiro perdido,
Não soube em que instante
O tal boi tinha-se ido
Estava o cavalo suado,
E já muito esbaforido.

Voltou então o vaqueiro
Sem saber o que fizesse,
Pensando ao chegar em casa
Então que história dissesse
Se pegando com os santos:
Que o coronel não soubesse.

Contou então o vaqueiro
O que se tinha passado
Dizendo que aquêle boi
Só sendo bicho encantado
Se havia mandinga em boi
Aquêle era batizado.

No outro dia seguiram
Seis vaqueiros destemidos
Em seis cavalos soberbos
Dos melhores conhecidos
Pois só de cinco fazendas
Puderam ser escolhidos.

VSPESR

Foi Norberto da Palmeira
 Ismael do Riachão,
 Calixto do Pé da Serra,
 Félix da Demarcação,
 Benvenuto do Destêrro,
 Zé Preto do Boqueirão.

Tinha já ido dizer
 Na fazenda Santa Rosa,
 Que o vaqueiro Apolinário
 Da fazenda Venturosa
 Tinha encontrado com o boi
 Da vaca misteriosa.

O coronel duvidou
 Quando contaram-lhe o fato,
 Disse a pessoa, os vaqueiros
 Já seguiram para o mato,
 O coronel foi atrás,
 Saber se aquilo era exato.

Disse então Apolinário
 Que andava campeando
 Viu um boi preto bem grande
 E dêle se aproximando
 Viu no lado esquerdo o ferro
 Do coronel Sezinando.

Pois bem, disse o coronel
 Esse garrote encantado
 Quando desapareceu
 Inda não estava ferrado
 Foi-se orelhudo de tudo,
 Nem sequer estava assinado.

Pois tem na orelha esquerda
 Três mesas e um canzil,
 Tem na orelha direita
 Brinco lascado e funil
 O ferro de Santa Rosa,
 Está nêle a marca buril.

Foram onde Apolinário
 A tarde o tinha encontrado
 Pouco adiante estava êle
 Numa malhada deitado
 Levantou-se lentamente,
 Como quem estava enfadado.

Aí tratou de partir
 Em desmedida carreira
 O coronel Sezinando
 Disse ao vaqueiro Moreira
 Aquêle não há quem pegue;
 Voltemos pois é asneira.

Disse o vaqueiro Norberto
Eu posso não o pegar
Porém só me desengano
Quando o cavalo cansar
Nunca vi boi na igreja,
Para padre o batizar.

Norberto tinha um cavalo
Chamado "Rosa do Campo"
Calixto do Pé da Serra,
Um chamado "Pirilampo"
O de Apolinário "Nisce"
Era de raça de pampo.

O do vaqueiro Israel
Chamava-se "Perciano"
O do Índio Benvenuto
Chamava-se "Soberano"
Félix tinha um poldro preto
Chamado "Riso do Ano".

O do vaqueiro Zé Preto
Tinha o nome de Calixto,
Dentre todos os cavalos
Aquêlê era o mais bonito
Era filho de um cavalo
Que trouxeram do Egito.

Era meio dia em ponto
Quando formaram carreira
O boi fazia na frente
Uma nuvem de poeira
Nos riachos êle pulava
De uma a outra barreira.

Zé Preto do Boqueirão
Foi quem mais se aproximou
Quase pega-lhe a cauda
Porém não o derrubou
Ficou tão contrariado
Que depois disso chorou.

Dizia que nunca viu
Em boi tanta ligeireza
Como no cavalo dêle
Nunca viu tanta destreza
E disse que um boi daquele
Para um sertão é grandeza.

Perguntou o coronel
O boi será encantado?
Não senhor disse Zé Preto
Isso de encanto é ditado
Ê boi como outro qualquer
Só tem que foi bem criado.

Eram seis horas da tarde
 Já estava tudo suado
 Não havia um dos cavalos
 Que não estivesse ensopado
 Porque mais de cinco léguas
 De um fôlego tinha tirado.

O coronel Sezinando
 Disse vamos descansar
 Vaqueiro de agora em diante
 Tem muito em que se ocupar
 Eu só descanso a meu gôsto
 Quando êsse boi se pegar.

Disse o índio Benvenuto
 Coronel se desengane
 Êsse boi não é pegado
 Nem que o diabo se dane
 Cavalo não chega a êle
 Inda que por mais se engane.

Tenho sessenta e dois anos
 Em cálculo não tenho um êrro
 E disse que me faltasse
 O chão para o meu entêrro
 Quando aquela vaca fôsse,
 A mãe daquele bezerro.

Disse o coronel você
 É um caboclo cismado
 Não deixa de acreditar
 Nisso de boi batizado
 E mesmo aquêle não é,
 O tal bezerro encantado.

Não é? Ora não é!
 Veremos se êle é ou não
 Vossa senhoria ajunte
 Os vaqueiros do sertão
 Do Rio da Prata ao Pará
 E depois me diga então.

Disse o coronel caboclo
 Zé Prêto não pegou êle?
 Ora pegou coronel
 Mas não sabe quem é êle
 Dou a vida se houver um
 Que traga um cabelo dêle.

Eu digo com consciência
 Senhor coronel Sezinando
 O boi é misterioso
 Para que estar lhe enganando
 O boi é filho de um gênio
 Uma fada o está criando.

A mãe d'água do Egito
Foi quem deu-lhe de mamar
A fada de Borborema
Tomou-o para criar
Na Serra do Araripe
Foi êle se batizar.

O coronel Sezinando
Dizia eu não acredito
Na fada de Borborema
E na mãe d'água do Egito
Gênio e fada para mim
É um dito esquisito.

Quarenta e cinco vaqueiros
Saíram para pegá-lo,
Dizia o índio só hoje
Eles podiam encontrá-lo
No dia de sexta-feira
Duvido de quem achá-lo.

E de fato nesse dia
Nem o rastro dêle viram
Voltaram para a fazenda
No outro dia partiram
As nove horas do dia
No rastro dêle seguiram.

Na garganta de uma serra
Acharam êle deitado
Na sombra de uma aroeira
Estava ali descuidado
Pulou instantâneamente
Na rapidez de um veado.

O boi entrou na caatinga
Que não procurava jeito
Mororó jurema branca
Ele levava de oito
Rolava pedra nos cascos
Levava angico no peito.

Disse Fernandes de Lima
Um dos vaqueiros paulistas
De todos êsses cavalos
Não há mais um que resista
Dormimos aqui convém
Ninguém perdê-lo de vista.

Dormiram todos ali
Naquele tempo tão vasto
Pearam a cavalgada
Deixaram ganhar ao pasto
As seis horas da manhã
Seguiram logo no rastro.

O cavalo soberano
Ao ver o rastro do boi
Gemeu pulou para trás
E o índio gritou oi!
Deixou os outros vaqueiros
Correu para trás se foi.

Disse o Índio Benvenuto
Eu não posso campear
O cavalo está doente
É preciso descansar
Faz muitos dias que corre
E eu preciso voltar.

Então disse o coronel:
— Existe aqui um mistério
Antes de haver este boi
Você não era tão sério?
Você faz do boi uma alma
E do campo um cemitério.

Benvenuto respondeu
Haja o que houver vou embora
Querendo me dispensar
Pode me dizer agora
Vá quem quiser eu não vou
Não posso mais ter demora.

Andaram duzentos metros
Logo adiante foram vendo
Um vaqueiro disse olhe
O boi ali se lambendo
Também não houve um vaqueiro
Que não partisse correndo.

O campo tinha uma régua
Sem ter nêle um pé de mato
O boi corria tanto
Que só veado ou um gato
Então fazia uma sombra
Pouco maior que a de rato.

Dissê o Lopes do Exú
Juro a fé de cavalheiro
Não sairei mais de casa
Chamado por fazendeiro
Vendo o cavalo e a sela
E deixo de ser vaqueiro.

As cinco horas da tarde
Pretenderam regressar
Então os cavalos todos
Não podiam mais andar
Os vaqueiros não podiam
Tanta fome suportar.

Voltaram para a fazenda
E tornaram a contratar
A 21 de novembro:
Cada um ali chegar
O coronel Sezinando
Mandaria avisá-los.

O coronel Sezinando
Homem muito caprichoso
Tirou três contos de réis
Disse: — É para o venturoso
Que venha a esta fazenda
E pegue o Boi Misterioso.

A vinte e um de novembro —
Venceu-se o trato afinal
A fazenda Santa Rosa
Estava como um arraial
Ou uma povoação
Numa noite de Natal.

Já um criado chamava
O povo para o almoço
Quando viram ao longe um vulto
Divulgaram ser um moço
Então vinha num cavalo
Que parecia um colosso.

Era um cavalo caxito
Tinha uma estrêla na testa
Vaquejada que êle ia
Ali tornava-se em festa
Ganhou numa apartação
Nome de "Rei da Floresta".

Chegou então o vaqueiro
Saudou a todos ali
Perguntou qual dos senhores
É o coronel aqui
Apontaram ao coronel
Disseram: — É êsse aí.

O coronel perguntou-lhe:
— De que parte és cavaleiro,
Eu sou de Minas Gerais
Disse o rapaz sou vaqueiro
Vim porque soube que aqui
Existe um boi mandingueiro.

Disse o coronel: — Existe
Esse boi misterioso
Tem-se corrido atrás dêle
Êle sai vitorioso
Já tem saído daqui
Vaqueiros até desgostosos.

Queria ver êsse boi
 Disse sorrindo o vaqueiro
 Tenho vinte e quatro anos
 Nunca vi boi feitiçeiro
 Disse o coronel pegando-o
 Ganha avultado dinheiro.

Quem pegá-lo em pleno campo
 Disse aí o coronel
 Ganhará pago por mim
 Um relógio e um anel
 Tem mais três contos de réis
 Em ouro, prata ou papel.

Salvo se alguém o pegar
 Quando êle estiver doente
 Ou lhe atirando de longe
 Isso é coisa indiferente
 Há de pegar pelo pé
 Ele bom perfeitamente.

Disse o moço não aceito
 Objetos nem dinheiro
 Eu só desejo ganhar
 A vitória de um vaqueiro
 Esse seu menor criado
 É filho de um fazendeiro.

Descansaram o dia de sábado
 Domingo, segunda e terça
 Disse o coronel: — À tarde
 Quem fôr vaqueiro apareça
 Sairemos quarta-feira
 Antes que o dia amanheça.

Na quarta-feira seguiu
 Como tinha contratado
 O povo que o coronel
 A tarde tinha avisado
 Eram dez horas do dia
 Inda acharam o boi deitado

Disse o vaqueiro de Minas
 Perdi de tudo a viagem
 Eu pegando um boi daquele
 Não conto por pabulagem
 Para o cavalo que venho
 Inda dez não é vantagem.

Pensei que fôsse maior
 Segundo o que ouvi falar
 Parece até um garrote
 Que criou-se sem mamar
 Um bicho manso daquele
 Faz pena até derrubar.

Porém o cavalo aí
Viu o boi se levantar
Estremeceu e bufou
Afastou e quis se acuar
Que deu lugar ao vaqueiro
Daquilo desconfiar.

Aí chegou-lhe as esporas
E o cavalo partiu
Em menos de dois minutos
O boi também se sumiu
Deu uns três ou quatro pulos
Ali ninguém mais o viu.

O boi entrou na caatinga
E o vaqueiro também
Por dentro do cipoal
Que não passava ninguém
Tanto que o coronel disse
Ali não escapa ninguém.

Eram seis horas da tarde
Estava o grupo reunido
Sem saberem do vaqueiro
Que atrás do boi tinha ido
Via-se a batida apenas
Por onde tinha seguido.

Um dizia êle morreu
Outro que tinha caído
Outro dizia o vaqueiro
Arrisca-se ter fugido
Não pôde pegar o boi
Voltou de lá escondido.

Acenderam o facho e foram
Por onde tinham entrado
Acharam sempre roteiro
Por onde tinham passado
O coronel Sezinando
Já ia desenganado.

Passava da meia-noite
Gritaram êle respondeu
O coronel acalmou-se
E disse êle não morreu
Porém o grito era longe
Que quase não se entendeu.

Três horas da madrugada
Foi que puderam o achar
Mas o cavalo caído
Sem poder se levantar
E êle contrariado
Sem poder quase falar.

O coronel perguntou-lhe
O que tinha sucedido
Respondeu que tal desgraça
Nunca tinha acontecido
Dizendo antes caisse
E da queda ter morrido.

O cavalo em que eu vim
Ninguém nunca viu cansado
Correu um dia seis léguas
Inda não chegou suado
E da carreira de hoje
Ficou inutilizado.

Não volto a Minas Gerais
Porque chego com vergonha
Os vaqueiros lá esperam
Uma notícia risonha
Eu chegando lá com essa
Dão-me uma vaia medonha.

Menos de cinqüenta passos
Inda me aproximei dêle,
Inda estirei a mão
Mas não pude tocar nêle
Apenas posso dizer
Não sei que boi é aquêle.

Nunca vi bicho correr
Com tanta velocidade
Só lampejo de relâmpago
Em noite de tempestade
Nem peixe n'água se move
Com tanta facilidade.

Ele é um boi muito grande
Tem o corpo demasiado
Não sei como corre tanto
Dentro de um mato fechado
Por isso é que muitos pensam
Que seja um boi encantado.

O coronel dissé ai
Acho bom tudo voltar
Disse o vaqueiro de Minas
Não precisa descansar
Vejam se dão-me um cavalo
Que vou me desenganar.

O coronel Sezinando
Chamou Mamede Veloso
Lhe disse Mamede vá
A Fazenda do Mimoso
Diga ao vaqueiro que mande
O cavalo "Perigoso".

Diga que mate uma vaca
Leve queijo e rapadura
E vá esperar por nós
Na Fazenda da Bravura
Diga que somos sessenta
Leve jantar com fartura.

O vaqueiro cumpriu tudo
Que seu amo lhe ordenou,
Deu o cavalo a Mamede
Puxou a vaca e matou
Às onze horas do dia
Então Mamede chegou.

Trouxe o cavalo cardão
Com a espécie de rudado
Disse o vaqueiro de Minas
Oh! Bicho de meu agrado
Lhe disseram o nome dela,
Foi muito bem empregado.

O vaqueiro levantou-se
Com o guarda peito no ombro
Se aproximou do cavalo
Passou-lhe a mão pelo lombo
O cavalo deu um sópro,
Que quase causa-lhe assombro.

Então o vaqueiro disse
Eu vou experimentar,
Se o cavalo Perigoso
Presta para campear
Disse então o coronel
Cuidado quando montar.

Veja que êle já matou
Com queda quatro vaqueiros
Os que causaram mais pena
Foram dois piatizeiros
Então respondeu o Sérgio
Não eram bons cavalheiros.

Quando o vaqueiro montou
O cavalo se encolheu
Chegou-lhe ainda as esporas
O sangue logo desceu
Quase três metros de altura
Êle da terra se ergueu.

Mas o cavaleiro era destro
Ali não desaprumou
Chegou-lhe ainda as esporas
Êle de nôvo pulou
Esse pulo foi tão grande
Que tudo se admirou.

VOOFEN

Fêz uma curva no salto
 Tirou pelos quarto a sela,
 O vaqueiro era um herói
 Saltou aprumado nela
 Dizendo hoje achei um testo
 Que deu na minha panela.

Saltou mas não afrouxando
 Ambas as rédias do cavalo
 Sabia que se soltasse
 Ninguém podia pegá-lo
 Dizendo o cavalo serve
 Vou logo experimentá-lo.

Selou de nôvo o cavalo
 E tornou a se montar
 Tanto que o coronel disse
 Este sabe cavalgar
 O cavalo conheceu
 Ali não quis mais saltar.

Passava do meio-dia
 Quando os vaqueiros saíram
 Acharam o rastro do boi
 Todos sessenta seguiram
 Adiante encontraram êle,
 No limpo que todos viram.

Sérgio o vaqueiro de Minas
 Foi o primeiro que viu
 Perguntou será aquêle
 Que lá do mato saiu?
 Todos disseram é aquêle
 Ai o Sérgio partiu.

Deu de espora no "Perigoso"

E nada mais quis dizer
 O boi olhou para o povo
 Também tratou de correr
 O mato abriu e fechou
 Ninguém mais o pôde ver.

Então quando o boi correu
 Procurou logo a montanha
 Todos disseram: hoje o boi
 Talvez não conte façanha
 O cavalo perigoso
 Agora fica sem manha.

Com meia légua se ouvia
 Galho de pau estalar,
 Atropelada do boi
 Pedra de monte a rolar
 Se ouvia perfeitamente
 O Perigoso bufar.

Entraram os vaqueiros e o boi
No mato mais esquisito
De quando em vez o vaqueiro
Por sinal soltava um grito
Tanto que o coronel disse
Já vi campear bonito.

O boi subiu a montanha
Sem escolher por onde ia,
E o vaqueiro já perto
De vista não o perdia
O cavalo "perigoso",
Com mais desejo corria.

Descambaram a serra verde
O boi entrou num baixio
Depois subiu a campina
Entrou na ilha dum rio
Em lugar que outro vaqueiro
Em olhar sentia frio.

Porém o vaqueiro disse
Aonde entrares eu entro,
Se tu entrares no mar
Viro-me em peixe vou dentro
Alguém que fôr procurar-me
Acha-me morto no centro.

O boi com facilidade
O trancadilho rompeu
Quase no centro do vão
O vaqueiro conheceu
O cavalo Perigoso,
Da carreira adoeceu.

Diabo! Disse o vaqueiro
Está doente o Perigoso,
Ah! Boi do diabo enfim
Te chamas Misterioso
Eu puxei a meu avô,
Que morreu por ser teimoso.

Voltou para o campo limpo
O cavalo tão suado
Com um talho no pescoço
Um casco quase furado
De forma que o vaqueiro
Não pôde voltar montado.

As oito horas da noite
Vieram os outros chegar
A estrada que o boi fêz
Deu para tudo passar
Cinquenta e nove cavalos,
Sem nem um se embarçar.

Colega cadê o boi?
 Perguntou o Sezinando
 O Sérgio se levantou
 E respondeu espumando
 Coronel eu já pensei
 Que só me suicidando.

— Suicidar-se por quê?

O Sérgio então respondeu:

— O coronel não está vendo

O que já me sucedeu?

Matei meu cavalo aqui

Inutilizei o seu.

Disse o coronel faz pena
 Perigoso se acabar
 Porém é nosso paguei-o
 Ninguém mais vem o cobrar
 E dou vinte pelo o seu
 Se dois ou três não pagar.

Eram sessenta cavalos

Uns de diversos sertões

E todos esses não iam

A tôdas apartações

Em vaquejadas garbosas

Mostraram lindas ações.

Havia um cavalo russo
 Chamado Paraibano
 Carioca, Rio-grandense
 Paturi e Pernambucano
 Paulista e Vitoriense
 Flor do Prado e Sergipano.

Pombo Rocho e Papagaio,

Flor do Campo, Catingueiro,

Socó Boi, Canário Verde,

Patola e Piauízeiro,

Águia Branca e Bem-te-vi,

Flecha Peixe e Campineiro.

E os outros que aqui não posso

Seus nomes mencionar

Era também impossível

Quem me contou se lembrar

É melhor negar o nome

Do que depois enganar.

Não tinha um desses todos

Que não fôsse conhecido

Em diversas vaquejadas

Não já tivesse corrido

Até seus donos já tinham

Medalhas adquirido.

Voltaram para a Bravura
 Onde a gente era esperada
 Ainda estavam esperando
 O povo da vaquejada
 Mas não houve um dos vaqueiros
 Que se servisse de nada.

Assim que deu meia-noite
 Foram para Santa Rosa
 A mulher do coronel
 Os esperava ansiosa
 Sabia que a vaquejada
 Era muito perigosa.

Quando foi no outro dia
 Depois de terem almoçado
 Disse o Sérgio: — Coronel
 Eu estou causando cuidado
 Me arrume qualquer cavalo
 Ou vendido ou emprestado.

O coronel mandou ver
 Um cavalo e lhe ofereceu
 Foi ver um conto de réis
 Em ouro e em prata lhe deu
 Ele pedindo licença
 Não quis e lhe agradeceu.

Eu vim atrás dêsse boi
 Não devido ao dinheiro
 Eu vim porque tenho gosto
 Nessa vida de vaqueiro
 Se eu não morrer ainda mostro
 Quanto vale um cavalheiro.

O coronel disse a êle
 Eu fico penalizado
 Não digo que se demore
 Porque seu pai tem cuidado
 Veja se volta em janeiro
 Que me acho preparado.

Então o Sérgio saiu
 Não pode se demorar
 O coronel Sezinando
 Não deixa de pensar
 Porque forma aquêle boi
 Ninguém podia pegar.

Chamou o escravo e lhe disse
 Monte num cavalo e vá
 A Fazenda do Destêrro
 Diga ao vaqueiro de lá
 Que eu mando dizer a êle
 Que sem falta venha cá.

OEN PVQ

O escravo cumpriu todo
 O dever de portador
 Achou a casa fechada
 Perguntou a um morador
 Se sabia do vaqueiro
 Esse disse: — Não senhor.

Então o morador disse:

Na noite de sexta-feira
 O índio foi ao curral
 Deixou aberta a porteira
 Saiu montado a cavalo
 E levou a companheira.

Volto o escravo e disse
 Tudo que tinha sabido
 Que na sexta-feira à noite
 O índio tinha saído
 E carregou a mulher
 Como quem sai escondido.

Inda vá mais essa agora!

O coronel exclamou
 Aquêlê bruto saiu
 E não me comunicou
 Que diabo teve êle
 Que até o gado soltou?

No outro dia foi lá
 Achou a casa fechada
 Então a porta da frente
 Tinha ficado cerrada
 Até a mala de roupa
 Inda estava destrancada.

O fazendeiro com isso
 Ficou muito constrangido
 Pensava logo em crime
 Que pudesse ter havido
 O individuo não tinha causa
 Porque saísse escondido.

Então mandou gente atrás
 Pelo mundo a procurar
 Não achou uma pessoa
 Que dissesse eu vi passar
 Em todo sertão que havia
 Ele mandou indicar.

Então o povo dizia
 Que o índio era feiticeiro
 E uma fada pediu-lhe
 Que não fôsse mais vaqueiro
 A fada transformou êle
 Em um veado galheiro.

Os faladores diziam
Que êle foi assassinado
E talvez o coronel
Tivesse mesmo mandado
Matar êle e a mulher
Para ficar com o gado.

Outros diziam ao contrário

Até juravam que não
Os dois cavalos do índio
Aonde botaram então
Mesmo assim o coronel
Não fazia aquela ação.

Bem encostadinho ao índio
Uma velha fiandeira
Morava numa casinha
E fiava a noite inteira
Disse que quase se assombra
Ali numa sexta-feira.

Disse: à meia-noite em ponto

Eu inda estava fiando
Em casa de Benvenuto
Eu ouvia gente falando
Espiei por um buraco
Vi chegar um boi urrando.

A velha disse Deus mande
A cascavel me morder
Se de lá de minha casa
Não ouvi o boi dizer
Boa-noite Benvenuto
Eu só venho aqui te ver.

O boi disse outras palavras
Que eu de lá não pude ouvir
O caboclo e a mulher
Disso ficaram a sorrir
O boi, o índio e a mulher
Todos eu vi sair.

Ai fui guardar o fuso
E a cesta de algodão
Credo em cruz! dizia eu
Aquilo é arte do cão
São coisas do fim do mundo
Bem diz Frei Sebastião.

O coronel a princípio
Inda não acreditou
Porém depois refletia
Uma ação que o índio obrou
Quando rastejava o boi
O índio não foi, voltou.

Então dêse dia em diante
Ali ninguém mais o viu
Não houve mais quem soubesse
Aonde êle se sumiu
Foi igualmente a fumaça
Que pelo ares subiu.

Como o índio e a mulher
Tudo desapareceu
Tanto que diziam muito
Que o diabo os escondeu
Durante dezesseis anos
Novas dêle ninguém deu.

Sérgio o vaqueiro de Minas
Todos os meses escrevia,
Perguntando ao coronel
Se o boi ainda existia
Dizendo quando quiser,
Escreva marcando o dia.

Fazia dezesseis anos
Que o boi estava sumido
Até por muitas pessoas
Ele já estava esquecido
Quase todos já pensavam,
Que êle tivesse morrido.

O coronel Sezinando
Tinha como devoção
Festejar todos os anos
A imagem de São João
Todo ano era de festa,
Não havia exceção.

Uma noite de São João
Na fazenda Santa Rosa;
Só a noite de Natal
Estaria tão venturosa
Porque em todo sertão,
Aquele era a mais garbosa.

Três classes ali dançavam
Em redobrada alegria,
No salão da casa grande
Os lordes de freguesia:
Em latadas de capim
A classe pobre que havia.

O leitor deve saber
Do estilo do sertão,
O que não fizer fogueira
Nas noites de São João
Fica odiado do povo
Tem fama de mau cristão.

O coronel Sezinando
Derrubou uma aroeira
E vinte e oito pessoas
Carregou essa madeira
Para o pátio da fazenda
E fizeram uma fogueira.

Estava a noite vinte e três
Do mês do Santo Batista
Como outra no sertão
Nunca tinha sido vista
Só faltava a música,
Discurso e fogo-de-vista.

Estava o povo todo ali
Uns dançando e outros bebendo
Um prazer demasiado
Em tudo estava se vendo
Mais de cinqüenta pessoas
Assando milho e comendo.

Meia-noite mais ou menos
Pôde o povo calcular
O galo pai do terreiro
Estava perto de cantar
Quando viram um touro prêto
No pátio se apresentar.

Meteu os cascos na terra
Cubriu-se tudo com poeira
Soltou um urro tão grande
Que ouviu-se em tôda ribeira
Deixou em cima da casa
Tôda a brasa da fogueira.

Dos cachorros da fazenda
Nem um sequer acudiu
O gado urrava de medo
Parte do povo fugiu
O coronel Sezinando
Foi o único que saiu.

Ainda viu o vulto dêle
Que pelo pátio ia andando
Chamou os cachorros todos
Esses fugiram uivando
O povo todo em silêncio
Já muitos se retirando.

Então acabou-se a festa
O povo se debandou
Os moradores de perto
Lá um ou outro ficou
Aquêles clarão garboso,
Em escuro se tornou.

No outro dia às dez horas
 O coronel Sezinando
 Estava com sua mulher
 No alpendre conversando
 Quando o índio Benvenuto
 Chegou e foi se apeando.

O coronel exclamou:
 Índio velho desgraçado
 Você saiu escondido,
 Me dando tanto cuidado
 Por sua causa até hoje
 Eu vivo contrariado.

Então perguntou o índio
 Pegaram o misterioso?
 Que atrás até morreu
 O cavalo Perigoso?
 Respondeu o coronel;
 Sumiu-se aquele tihoso.

Então disse o coronel
 Você hoje há de dizer
 Aquêl boi o que é
 Que só você pode saber,
 Se fizer êste favor,
 Tenho que agradecer.

De nada sei, coronel,
 O índio lhe respondeu...
 Sabe, disse o coronel,
 E contou o que se deu;
 Disse; quando o boi sumiu-se
 Você desapareceu.

Eu andava viajando!
 Disse o Índio Benvenuto;
 Respondeu-lhe o coronel:
 Mas você é muito bruto...
 Que motivo foi que houve
 Que você saiu oculto?

No motivo há um segredo
 Que não posso revelar...
 E o Boi Misterioso
 Voltou ao mesmo lugar
 Anda aí públicamente
 Quem quiser pode o pegar.

Eu atrás dêle não vou
 Não trago ninguém em engano
 Pois não quero desgostar
 Meu cavalo Soberano;
 Por eu ir lá uma vez
 Tive castigo de um ano.

Zé Prêto do Boqueirão
Naquela hora chegou...
Perguntou ao coronel
O que foi o que se passou?
Respondeu o coronel:
Foi o cão que se soltou.

Disse Zé Prêto: — Eu também
Venho aqui bem receioso,
O coronel me conhece
Vê que não sou mentiroso,
Inda agora quando vinha
Vi o Boi Misterioso.

Na Malhada do Balão
Passei, vi êle deitado,
Foi o boi que veio aqui
Eu fiquei desconfiado
Porque vi um chifre dêle
E parece estar queimado.

Sérgio, o vaqueiro de Minas,
Nesse momento chegou...

Disse: — Senhor coronel
As suas ordens eu estou
Pois recebi o recado
Que o coronel me mandou.

Disse o Sérgio: — Eu recebi
Do coronel um recado
Que no dia vinte e sete
Estava o povo contratado
Pois o Boi Misterioso
Tinha já sido encontrado.

Então disse o coronel
Que o recado não mandou
Ali contou a miúdo
A cena que se passou
E disse: — Zé Prêto agora
Me disse que encontrou.

Nisso chegou um vaqueiro,
Um caboclo curiboca,
O nariz grosso e roliço
Da forma de uma tabóca,
Em cada lado do rosto
Tinha uma grande pipóca.

Bom dia, sr. coronel!
Disse o tal recém-chegado...
Tenha o mesmo o cavalheiro,
Respondeu desconfiado,
Dizendo, dentro de si:
— De onde é êste danado?

O coronel perguntou-lhe
De que parte é cavalheiro?
— Do sertão de Mato Grosso,
Respondeu o tal vaqueiro...
— A que negócio é que vem?
Perguntou-lhe o fazendeiro.

Venho à vossa senhoria
A mandado do patrão
Ver um Boi Misterioso
Que existe neste sertão,
O coronel quer que pegue
Me dê autorização.

Meu patrão é bom vaqueiro,
Disse-lhe o desconhecido,
Soube que desta fazenda
Um boi tinha se sumido
Mandou-me ver se êsse boi
Já havia aparecido.

E se o coronel quisesse
Que eu fôsse ao campo pegá-lo
Eu garanto ao coronel
Vendo-o, hei-de derrubá-lo,
O patrão por segurança
Mandou-me neste cavalo.

Êste cavalo não sai
Daqui desmoralizado,
Neste só monta o patrão
Ou eu quando sou mandado;
É um poldro, está mudando
Porém é condecorado.

O cavalo era mais preto
Do que uma noite escura,
Até os outros cavalos
Temiam aquela figura,
O corpo muito franzido
Com oito palmos de altura.

Tinha os olhos côr-de-brasa
Os cascos como formão
Marcados com sete rodas
Da junta do pé a mão
E tinha do lado esquerdo,
Sete sinais de salomão.

Pois bem disse o coronel
Amanhã temos de ir,
Mando avisar os vaqueiros
Creio que tudo há de vir
As seis horas da manhã
Nós havemos de seguir.

Cinquenta e nove vaqueiros
Às oito horas chegaram
Todos tiraram as selas
E seus cavalos pearam
Cearam armaram as redes
No alpendre se deitaram.

Mas o caboclo não quis
Pear o cavalo dêle,
Não quis cear e passou
A noite encostado a êle
Dizendo que não o peava
Não confiava-se nêle.

De manhã todos seguiram
O caboclo foi na frente
O coronel notou logo
Nele um tipo diferente
E disse se houver diabo,
É aquêle certamente.

Foram aonde Zé Prêto
Na véspera tinha deixado,
Naquele mesmo lugar
Inda estava êle deitado
Levantou-se espreguiçando,
E não ficou assustado.

Depois de se levantar
Cavou o chão e urrou,
O urro foi esquisito
Que tudo ali se assustou
O cavalo do caboclo,
Cheirou o chão e rinchou.

Tratou o boi de correr
E subiu logo o oiteiro,
Por lugar que era impossível
Subir nele um cavaleiro
De cinquenta e nove homens
Só foi lá o tal vaqueiro.

Então o caboclo disse
Pode correr camarada,
Vamos ver quem tem mais fôrça
Se é meu patrão ou a fada
Eu não chego a meu patrão
Contando história furada.

Você bem vê o cavalo
Que eu venho montado nêle
E conhece meu patrão
Sabe que o cavalo é dêle
O boi aí se virou
E olhou bem para êle.

Ai desceu do outeiro
Em desmarcada carreira
Deixando por onde ia,
Uma nuvem de poeira
O curiboca gritou-lhe
Não corra que é asneira.

Então seguiram no campo
Onde tudo se avistava
O cavalo do caboclo
Fogo da venta deitava
Dava sôpro na campina
Que tudo ali se assombrava.

O coronel disse a todos
Devemos seguir atrás
Está decidido que ali
Anda a mão do satanaz
Convém agora é nos vermós
Que resultado isso traz.

Bem no centro da campina
Havia uma velha estrada
Feita por gado dali
Porém já estava apagada
Depois com outra variada
Faziam uma encruzilhada.

Iam o vaqueiro e o boi
Pela dita cruz passar
Ali enguiçou a cruz
Eu tinha então que voltar
Devido outros vaqueiros
Não havia outro lugar.

Mas o boi chegando perto
Não quis enguiçar a cruz
Tudo desapareceu
Ficou um foco de luz
E depois dela saíram
Uma águia e dois urubus.

Tudo ali observou
O fato como se deu,
Dizendo que a terra se abriu
E o campo estremeceu
Pela abertura da terra
Viram quando o boi desceu.

Voltaram todos os homens
O coronel constrangido
O boi e o tal vaqueiro
Terem desaparecido
A terra abrir-se e fechar-se,
Pôs tudo surpreso.

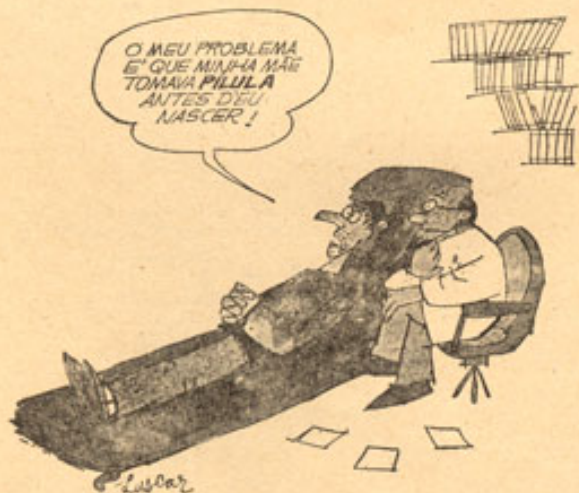
Julgam que a águia era o boi
Que quando na terra entrou
Ali havia uma fada
Em uma águia o virou
O vaqueiro e o cavalo
Em dois corvos os transformou.

O coronel Sezinando
Ficou tão contrariado
Que vendeu tôdas as fazendas
E nunca mais criou gado
Houve vaqueiros daqueles
Que um mês ficou assombrado.

Lá inda hoje se vê
Em noites de trovoadas
A vaca misteriosa
Naquelas duas estradas
Duas mulheres chorando
Rangindo os dentes e falando
Onde as cenas foram dadas.

JÁ SAIU!

PIADAS de LOUCOS



**PODE LER SOSSEGADO, VOCÊ NÃO FICA
MAIS DO QUE É...**

TOQUE!

VIOLÃO COM MÉTODO SERESTA

